

ENTREVISTA | **WILSSA ESSER**

DIRETORA DE FOTOGRAFIA

‘Desenho uma memória cognitiva de luz para cada figura em cena’



Edison Vara/Ag. Pressphoto

Wilssa Esser e o Kikito de Melhor Fotografia, por 'Nosso Segredo'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Costurando estéticas de curta em curta, em sua formação como diretora de fotografia, a venezuelana radicada no Brasil Wilssa Esser trocou experiências com a aclamada atriz das Geraís Grace Passô na feitura de “República”, produção de 16’ realizado em meio à pandemia, com ela direção. Depois que a covid-19 acabou, a estrela mineira resolveu dirigir seu primeiro longa-metragem e contou com Wilssa para domar a luz de uma paisagem de selvageria no eixo dos afetos... e dos traumas.

O desejo de fazer cinema (autoral) a partir de “Amores Surdos”, um texto teatral de autoria da própria Grace, converteu-se em “Nosso Segredo”, drama premiado com o Kikito de Melhor Filme de Ficção em Gramado, no último sábado. Sua estreia em circuito está programada para esta quinta-feira, no calor de sua consagração. Não houve boca em solo gaúcho que não elogiasse a trama de trilha sonora estonteante (composta por Amaro Freitas) esculpido entre luto, lágrimas e lama (ligada a um surpreendente signo animal). Nela, uma família que tem vivências variadas do racismo e de outros mecanismos de exclusão luta para reconstruir sua rotina após a perda recente da figura paterna. Enquanto cada um dribla a dor à sua maneira, o filho caçula guarda um mistério que transcende as bordas do realismo.

No papo a seguir, Wilssa analisa o barato de Grace na arte.

Como foi a sua troca com Grace Passô na realização de “Nosso Segredo”?

Wilssa Esser - Não é a nossa primeira colaboração. Fizemos um curta-metragem durante a pandemia, “A República”, e temos uma convivência de muita intimidade e afinidade em relação à linguagem. O nosso processo costuma ser bastante fluido. A Grace começou no cinema há relativamente pouco tempo, mas tem uma trajetória enorme como artista, sobretudo, no teatro. A minha colaboração com ela

entra como a de alguém com uma bagagem maior de cinema, porque estudo e trabalho com a linguagem cinematográfica há muito tempo. Trabalhamos muito no sentido de tentar traduzir, em termos de imagens e de fotografia, essa instauração performática que ela costuma criar numa cena.

Como essa troca te desafia?

Enquanto diretora de fotografia, um projeto como “Nosso Segredo” é um processo desafiador

porque, dramaturgicamente, o filme tem muitas camadas. Ao mesmo tempo, há uma facilidade em relação ao meu trabalho, porque a Grace faz a cena acontecer. Isso facilita muito. Conseguimos potencializar a cena do ponto de vista da imagem, e ela acontece. E isso é muito importante, tanto diante da câmara como internamente nos corpos dos atores.

A casa de “Nosso Segredo” parece quase uma protagonista. Como foi pensar**a luz a partir desse espaço que envolve todos os personagens?**

Foi um processo quase inexplicável para mim. É um filme coral, apesar de ter como ponto de vista protagonista o olhar de uma criança. O trabalho de luz foi quase como criar memórias individuais de cada personagem. O filme retrata uma família e, de alguma forma, todas as suas gerações, desde Efraim, um menino negro de seis anos, até os mais velhos. Então envolve muita coisa. Foi como desenhar cada personagem através da luz. Desenho uma memória cognitiva de luz para cada figura em cena.

Gramado foi caracterizado por uma presença muito forte de mulheres na direção de fotografia, em sua 54ª edição. Você sente que existe uma mudança efetiva no mercado para mulheres que fotografam filmes?

Essa 54ª edição do Festival de Gramado foi muito especial para nós, enquanto diretoras de fotografia. Tivemos vários longas-metragens na competição oficial fotografados por mulheres, e isso é algo que

deve ser valorizado. Nos últimos anos, temos visto que, à medida que mais diretoras de fotografia começam a ter oportunidades, também conquistamos mais espaços e recebemos mais reconhecimento. Há dois anos, aqui no Festival de Gramado, quem ganhou a direção de fotografia foi Renata Corrêa, premiada por “Nó”. No Festival do Rio do ano passado, foi Luciana Basseggio quem venceu, por fotografar “Ato Noturno”. Na medida em que conseguimos essas oportunidades, vamos conquistando espaços e recebendo reconhecimento porque, de fato, chegamos com outro olhar, outra sensibilidade e outra forma de nos relacionarmos com as histórias e com os corpos. Principalmente, trazemos tudo aquilo que vimos durante muito tempo e que já não queremos ver. Como transformamos isso em discurso, em imagem? Esse tem sido um caminho que ainda precisa de avançar muito. Não podemos dizer que atualmente existe equidade de gênero nos sets, muito menos no departamento de fotografia. Mas é um caminho que estamos trilhando aos poucos.

Você nasceu na Venezuela, formou-se em Cuba e vive no Brasil desde 2013. Como essa trajetória entrou na sua formação como diretora de fotografia?

Cresci em Caracas. Na época da minha formação, fui para Cuba e formei-me na Escola Internacional de Cinema e Televisão. Depois da escola, vim para o Brasil e estou aqui desde 2013. Em 2018 fiz o meu primeiro longa-metragem como diretora de fotografia e, a partir daí, comecei a minha carreira. Venho de uma escola muito grande de curtas-metragens. Aprendi muito sobre cinema fazendo curtas. Aí veio “Temporada”, meu primeiro longa, premiado em Brasília.

Que referências do cinema venezuelano foram importantes na sua formação?

Uma primeira referência importantíssima é Margot Benacerraf (1926-2024), uma cineasta que talvez tenha sofrido algumas tentativas de apagamento. Ela realizou “Araya”, selecionado para a competição oficial de Cannes em 1959. Foi uma das primeiras realizadoras mulheres da Venezuela e fez um filme belíssimo. Também há figuras extremamente importantes na minha carreira, como Mariana Rondón e Marité Ugás, que são uma dupla. Trabalhei com elas como estagiária de produção em alguns filmes. Foram grandes amigas e pessoas que me orientaram muito na carreira. Foram elas que me disseram: “Você vai estudar fotografia na Escola de Cinema de Cuba”. São referências fundamentais para mim.